

A construção do discurso jornalístico: um olhar analítico para a presença dos princípios de responsividade e interdiscursividade em um artigo de opinião

Juliane Ferraz Oliveira*

Andréia Teixeira**

Resumo

Este estudo tem por objetivo compreender os processos responsivo e interdiscursivo que sustentam o discurso jornalístico no artigo de opinião da filósofa Djamila Ribeiro, publicado na Folha de S. Paulo. Para esse feito, o objeto de análise são as estratégias discursivas que sustentam os discursos antirracistas, tematizados no artigo analisado e como elas são representadas no texto “O enfrentamento ao racismo precisa ser mais do que posts para aliviar a consciência”. Tencionamos compreender a produção de sentido frente ao texto analisado e as estratégias discursivas mencionadas. Para isso, adotamos o Círculo de Bakhtin como base teórica para o propósito do estudo, a partir de uma articulação com outros autores (POSSENTI, 2003; AUTHIER-REVUZ, 2004; ORLANDI, 2012 a, 2012b; AZEVEDO, 2014) que discutem a linguagem nas suas diversas manifestações em práticas sociais e discursivas. A análise proposta é de ordem interpretativa, e, como procedimentos, utilizamos a análise Linguística de manifestações discursivas que compõem o *corpus* em questão. Concluímos o artigo com a expectativa de contribuir para novos debates que se propõem a focalizar a questão do racismo na sociedade.

Palavras-chave: Responsividade. Interdiscurso. Racismo. Artigo de opinião.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística e Língua Portuguesa/PUC Minas. Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa ELINC (Estudos em Linguagem e Cognição) da mesma instituição. Professora da carreira EBTT – CEFET MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1326-5609>.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística e Língua Portuguesa/PUC Minas. Integrante do Núcleo de Estudos em Linguagens, Letramentos e Formação (NELLF) da mesma instituição. Professora da rede pública municipal de Rio Acima, Minas Gerais, MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0642-4301>.

The Construction Of Newspaper Speech: An Analytical Look At The Presence Of The Principles Of Responsiveness And Interdiscursiveness In An Opinion Article

Juliane Ferraz Oliveira
Andréia Teixeira

Abstract

This study aims to understand the responsive and interdiscursive processes that support the journalistic discourse in the opinion article of the philosopher Djamila Ribeiro, published in *Folha de S. Paulo*. For this purpose, the object of analysis are the discursive strategies that support the anti-racist speeches, thematized in the analyzed article and how they are represented in the text “O enfrentamento ao racismo precisa ser mais do que posts para aliviar a consciência”. We intend to understand the production of meaning in the face of the analyzed text and the discursive strategies mentioned. For this, we adopted the Bakhtin Circle as a theoretical basis for the purpose of the study, based on an articulation with other authors (POSSENTI, 2003; AUTHIER-REVUZ, 2004; ORLANDI, 2012a, 2012b; AZEVEDO, 2014) who discuss language in its various manifestations in social and discursive practices. A proposed analysis is of an interpretative nature, and as procedures, we use a Linguistic analysis of discursive manifestations that make up the corpus in question. We conclude the article with the expectation of contributing to new debates that aim to focus on the issue of racism in society.

Keywords: Responsiveness. Interdiscourse. Racism. Opinion article.

Introdução

O objeto de análise deste estudo são as estratégias discursivas que sustentam os discursos antirracistas, tematizados no artigo de opinião insvetigado e como elas são representadas nesse mesmo texto: “O enfrentamento ao racismo precisa ser mais do que posts para aliviar a consciência”, da filósofa Djamila Ribeiro, publicado na Folha de S. Paulo, em 04 de junho de 2020. Temos por objetivo compreender os processos responsivo e interdiscursivo que sustentam o discurso jornalístico no artigo analisado. Também tencionamos compreender a produção de sentido frente ao texto em análise e quais estratégias discursivas sustentam os discursos antirracistas tematizados no artigo, além do modo como tais estratégias são representadas no texto. A fim de contextualizar e ampliar a presente discussão, segue a próxima seção com o contexto de produção do artigo analisado.

O texto em estudo e o seu contexto de produção

Para haver uma melhor compreensão deste estudo, iniciamos esta subseção com o artigo que motivou o presente debate (Quadro 1), publicado no Jornal Folha de S. Paulo, no dia 04 de junho de 2020.

Quadro 1 – Artigo de opinião de Djamila Ribeiro

O enfrentamento ao racismo precisa ser mais do que posts para aliviar a consciência

“Recusamos esta branquitude ora desresponsabilizada, ora culpada, fundada na falsa ideia de ausência de cor e de raça, que goza privilégios como se direitos fossem. Que se orgulha de ter e ser o que nos foi expropriado. Que repousa em um lugar confortável de onde, então, pode ser generosa... Nosso orgulho é ter sobrevivido, a despeito

do que nos foi —e tem sido— imposto. Nosso orgulho é possuir o que não nos foi dado nunca. É continuar. Nossos instrumentos para chegar até aqui precisam ser cada vez mais contados, pois podem traduzir a chave para outro futuro.”

Começo esta coluna com esse trecho do marcante texto “A Era da Inocência Acabou, Já Foi Tarde”, escrito em 2001 por Jurema Weerneck, referência para todas nós há muitos anos. A branquitude brasileira é tão racista que, diante dos protestos nos Estados Unidos pela morte de George Floyd, inaugura o debate racial. Descobriram o racismo, ironiza Silvio Almeida.

“Levou séculos para que o Estado brasileiro pudesse reconhecer a presença do racismo como fator estruturante das relações sociais no país. E isto só acontece agora, ao final do século 20 e início do século 21, como resultado de um trabalho longo, árduo. Denunciávamos o racismo, enquanto demonstrávamos a perversidade com que esse definia privilégios e exclusões, vidas e mortes; enquanto éramos nós mesmos nosso próprio testemunho, o restante da sociedade permanecia em silêncio”, afirma Werneck no poderoso texto.

É claro que é importante que a branquitude brasileira se mobilize contra o sistema que a beneficia.

Agora, mobilizar significa reconhecer o silenciamento com o qual as produções negras foram tratadas, o sufocamento das personalidades, opiniões. Ora, se vamos mesmo lutar contra o racismo, um sistema montado em cima da manutenção do privilégio racial branco, vamos discutir por que eu ligo a televisão e não tem uma programação, uma emissora predominantemente negra. Ora, é pedir muito em um país com 54% da população negra? Acho que não.

Mas aí vivemos num governo cujo projeto é o desmonte de políticas públicas. Que combate ao racismo é esse que busca se esquivar de responsabilidade do fundo do poço que esse país atingiu? Políticos que se vangloriam de sua desumanidade chegaram aonde chegaram sozinhos? Se hoje passamos vergonha no exterior, se políticas de precarização da população brasileira, negra e pobre em sua maioria estão em curso, há um sistema que privilegia a branquitude por trás disso.

Quanto tempo a branquitude dedicou em seus círculos financeiros energias, conspirações e dinheiro ao desmonte do Estado, de políticas públicas, quanto falaram mal do Bolsa Família, quanto tentaram barrar as cotas, quanto puseram em marcha reformas trabalhista e da Previdência que prejudicam a população negra? Aliás, há quanto tempo estão no ar programas policiais vespertinos que reproduzem estereótipos da negritude e chancelam a violência policial?

Ou seja, é mesmo para combater o racismo, branquitude? Pois muito bem, só que a era da inocência acabou, já foi tarde.

O combate não será com uma única reportagem na TV, não será com 20 segundos de entrevista de uma pessoa negra a um jornal inteiro branco, não será com a contratação na empresa de uma única pessoa negra para dar conta de toda a coletividade e utilizá-la de escudo. Não será assim. Não funciona mais. A era da inocência acabou, já foi tarde.

Não será diminuindo o movimento negro brasileiro, pondo em comparação com uma imagem do movimento negro americano. Não será fetichizando imagens de corpos negros sempre em combate, mas debochando quando esses mesmos corpos saem dos lugares impostos, quando esses mesmos corpos demonstram alegria e prazer em ser o que são a despeito de todas as tentativas de humilhação.

Não será sem contar nossas histórias. Não será sem contar do quilombo dos Palmares, da Balaiada, da Conferência de Durban de 2001, que essa história será passada a limpo. Não será sem valorizar as estratégias de resistências dos povos de terreiro. A era da inocência acabou.

O enfrentamento ao racismo precisa ser mais do que *hashtags* e posts com a cor preta para aliviar a consciência. É preciso refletir, ceder, ter compromisso de fato.

Um levante está em curso e quem quiser ficar na frente que fique, será atropelado pela marcha da história. Quem quiser somar, que some, mas de modo profundo, pois não cabem mais estratégias caquéticas que destroem um Brasil por dia. A era da inocência acabou.

Já foi tarde.

Djamila Ribeiro

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/06/o-enfrentamento-ao-racismo-precisa-ser-mais-do-que-posts-para-aliviar-a-consciencia.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 04 de junho de 2020.

Como forma de compreendermos o contexto de produção desse texto, discorreremos sobre uma série de acontecimentos sociais que nos ajudam a entender a publicação do artigo na semana em questão. Após a morte de George Floyd¹, no final de maio de 2020, em Minneapolis – Minnesota nos Estados Unidos, houve uma série de protestos criticando a violência policial/estatal e a política de extermínio implementada contra a população afro-americana. A partir dessa morte, protestos se espalharam por todo o país, mas não somente na nação. As manifestações se propagaram por todo o globo e podiam ser acompanhadas em muitos lugares das Américas e da Europa. A revolta ditou o tom também nas interações em redes sociais. Usos de *hashtags*, divulgações de dados e estatísticas, produções de vídeos etc., com críticas diretas e indiretas às ações das polícias norte-americanas, se espalharam por toda internet. Em âmbito digital, esse movimento adere ao já conhecido *#blacklivesmatter*. Ainda no contexto virtual, no dia 02 de junho de 2020, os usuários de diversas redes sociais digitais “subiram” a *tag* *#blackouttuesday*, publicando um quadrado preto em seus perfis individuais. Houve grande adesão a essa campanha e vários perfis e sujeitos reivindicaram para si o *status* de antirracistas.

É nesse contexto de efervescência social que Djamila Ribeiro publica seu texto. Em meio ao turbilhão de debates e disputas de narrativas que se definem como antirracistas, a autora propõe um olhar crítico sobre esse fluxo de opiniões. Visto não somente como algo positivo, Djamila nos convida a refletir sobre aquilo que compreendemos como o agir antirracista,

¹ Conferir notícia completa em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/2w7/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policia-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>.

tensionando nossas verdades e certezas sobre o tema. Você é antirracista, até que ponto? Quais são suas ações antirracistas? A que/quem o seu antirracismo serve? Estas são algumas das perguntas que nos perseguem após a leitura do texto.

Frente aos acontecimentos atuais relacionados às manifestações contra o racismo institucional, bem como a outros tipos de manifestações racistas, justificamos nossa proposta de análise pela urgência e protagonismo do tema em âmbito social. Nas plataformas digitais, o racismo e a luta antirracista têm determinado parte significativa dos debates e das discussões. Prova disso é que as *hashtags*² *#blacklivesmatter* e *#blackouttuesday* já passam de 22.2 e 23.9 milhões de menções, respectivamente. Em âmbito acadêmico-científico, a justificativa perpassa pela necessidade de compreender mecanismos e estratégias subjacentes a discursos acerca de temáticas relevantes e correntes na/para a sociedade. Além disso, aproximar as produções das universidades das produções não universitárias se impõe como movimento de compreensão da vida em suas diversas dimensões. A academia precisa integrar e valorizar as múltiplas produções sociais, esta análise filia-se a esse pensamento.

O contato com o objeto de estudo nos fez enxergar a partir de uma perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2011, p. 281), uma vez que o “projeto discursivo” e/ou a “vontade discursiva do locutor”, em questão, parece estar ancorado a uma forte atividade responsiva a discursos recentes que sustentam as manifestações antirracistas nas redes sociais e, também, em um movimento de reverberação de discursos antirracistas mais tradicionais, como o da filósofa Ângela Davis. Por esse motivo, tendo como entrada analítica o gênero para nortear o nosso trabalho de discurso materializado do texto de Djamila Ribeiro, propomos uma análise que leve em consideração as categorias responsividade e, em decorrência desta, a interdiscursividade, conforme apresentaremos nas próximas seções. Por hora, elucidamos os fundamentos e o quadro teórico eleito para a presente discussão.

² Termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. Quando a combinação é publicada, transforma-se em um *hiperlink* que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema. (Site Resultados Digitais).

2 Fundamentos teóricos que ancoram o processo analítico

Nesta seção, além de descrevermos alguns aspectos do *corpus* em estudo, delimitaremos os fundamentos teóricos que estão na base desta interpretação analítica. Partiremos da definição daquilo que compreendemos como gênero, passando por nossa compreensão de responsividade e, por último, de interdiscursividade.

2.1 Gênero discursivo: conceito que norteia a análise

Optar pelo trabalho com o gênero, em uma perspectiva discursiva, implica adotar noções e concepções teórico-metodológicas que contemplem, pelo menos, três parâmetros indissociáveis de investigação: o discursivo, o social e o histórico. Esses aspectos são observados, é claro, tomando como chave de entrada a manifestação linguística concreta, mas não se restringe a ela, pois gêneros discursivos devem ser compreendidos por sua natureza, função e funcionamento em um contexto sociodiscursivo.

Não há possibilidade de estruturar um trabalho que tenha como objetivo se debruçar sobre os gêneros discursivos e não ter como principal referência o filósofo russo Bakhtin. Como discurso fundador da categoria gêneros discursivos, Bakhtin propõe uma visão sócio-histórica e dialógica do termo. Assim, a categoria de gênero extrapola o enquadramento estritamente formal e linguístico e começa a contemplar realidades de atividades humanas e práticas sociais como integrantes indispensáveis.

Gênero, então, passa a ser compreendido como uma ação social, tendo como base a compreensão da língua em movimento, retratando o deslocamento da dimensão apenas da forma e do conteúdo para a noção discursiva. Bakhtin (2011) advoga a tese de que cada esfera de atividade humana elabora seus domínios, práticas discursivas e sociais. Assim, os gêneros representariam formas relativamente estáveis de enunciados que sustentam e atualizam ações e práticas sociodiscursivas.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular e individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2011, p. 261-262/ grifos do autor).

O autor deixa claro que a ação humana em sociedade, numa perspectiva histórica, norteia as definições de gêneros discursivos. Assim, os campos de atividades humanas organizam as ações em sociedade por meio dos discursos, definindo instâncias de produção, circulação e recepção dos textos/enunciados em gêneros discursivos. Por fim, o texto representa a atualização dos discursos e dos gêneros. No plano textual, conteúdo temático, estilo e construção composicional são combinados em favor de atualizações e práticas discursivas situadas.

É preciso dizer que a base que fundamenta as discussões sobre gênero em uma perspectiva discursiva, engendrada por Bakhtin, é a concepção de linguagem como atividade constitutiva e dialógica, sendo seu espaço de construção e realização a interação verbal. Nesse sentido, gêneros discursivos são formas de funcionamento da língua que atualizamos em forma de textos.

Ao tomar o texto como enunciado, em um estreito diálogo com a perspectiva do Círculo bakhtiniano, Volóchinov (2018, p. 184) defende que toda enunciação, ainda que de forma escrita e finalizada, se presta a responder alguma coisa e, conseqüentemente será direcionada “para uma resposta”, com a qual estabelece uma conexão a partir de um acordo ou

de uma “negação”, surgindo outros enunciados e vozes outras. Sob esse contexto, Bakhtin (2011, p. 297) declara ainda que, por meio do princípio do dialogismo cada enunciação ou enunciado carrega consigo “ecos e ressonâncias” de outros, pelos quais estão conectados no escopo da cadeia do discurso. Portanto, segundo o autor, “Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo”. É a partir desse viés, concebendo a linguagem nas suas diversas manifestações e como atividade constitutiva e dialógica, que segue este estudo. Alinhada a essa visão da linguagem, a seção seguinte se presta a discorrer sobre o gênero eleito para análise neste estudo: artigo de opinião.

2.1.1 O gênero artigo de opinião do campo jornalístico: delimitando o objeto de estudo

Ao lidar com o gênero que compõe o *corpus* aqui privilegiado, é preciso descrever algumas características de sua natureza, função e funcionamento em contexto sociodiscursivo, além das características formais do gênero a que pertence o texto em análise. Para isso, a descrição do nosso objeto parte do campo social, chega ao campo discursivo (contexto de produção, distribuição etc.) e, finalmente, ao texto, ou seja, o fluxo é descendente: da prática social à prática discursiva e à materialidade verbal.

Naquilo que diz respeito às práticas não propriamente discursivas, frisamos o fato de estarmos vivendo tempos de grande questionamento aos métodos discriminatórios implementados pelos Estados no tratamento dispendido aos grupos minoritários, principalmente, às pessoas negras. Diversas práticas racistas cometidas por agentes públicos, sobretudo por servidores da segurança pública, estão sendo questionadas por parte da população americana e, também, pela brasileira.

Casos recentes foram amplamente divulgados pela mídia brasileira, como os de João Pedro³, Ágata Félix⁴, Kauê Ribeiro⁵, Kauã Rosário⁶, entre tantos outros e, juntamente com os atos no cenário americano, engrossaram o coro dos posicionamentos antirracistas em redes sociais digitais e também em manifestações nas ruas. Nesse contexto de efervescência político-social que o artigo jornalístico de Djamila Ribeiro nasce e passa a circular a partir de 04 de junho de 2020, amplificando o debate racial contemporâneo no país e convocando novos personagens a participarem ativamente de um projeto nacional verdadeiramente antirracista.

Antes de verticalizarmos o processo analítico, vale a pena compreender o contexto de produção do texto em questão. O jornal Folha de S. Paulo é uma mídia que tem como público-alvo as classes médias e altas do país, sendo assim, o interlocutor projetado não integra a parcela da população que mais é atingida negativamente pelas políticas de segurança arbitrárias do Estado, mas pela parte que se beneficia dessas políticas, aquela que se sente mais protegida do que ameaçada frente às ações policiais e jurídicas, por exemplo.

O texto de Djamila aborda a temática do racismo respondendo a discursos que estão circulando em ambiente virtual. Com a proposta de transpor a questão geográfica, a autora atualiza as questões raciais a partir do contexto brasileiro, demonstrando algumas contradições e priorizando aquilo que acredita ser o mais urgente a ser feito frente ao racismo em nosso país. Assim, a adesão, por parte da branquitude, na luta antirracista é tensionada pela autora. Djamila, confrontando comportamentos performáticos em ambiente virtual, propõe que o racismo brasileiro seja visto não mais como uma atitude individual de certos sujeitos desajustados, mas como aquilo que realmente é: uma questão institucional e estrutural. Vejamos alguns excertos do material em análise:

Levou séculos para que o Estado brasileiro pudesse reconhecer a presença do racismo como fator estruturante das relações sociais no país. E isto só aconteceu agora, ao final do século 20 e início do século 21[...]. Agora, mobilizar significa

3 Jovem negro que foi baleado e morto na residência familiar, durante uma ação desastrosa da PF no Rio de Janeiro, no dia 19 de maio de 2020.

4 Menina negra morta após ser baleada dentro de um automóvel, em 20 de setembro de 2019, no Complexo do Alemão - Rio de Janeiro.

5 Adolescente negro morto em 8 de setembro de 2019, após receber um tiro na cabeça na favela da Chica, no Complexo do Chapadão, localizado na zona norte do Rio de Janeiro.

6 Garoto negro baleado em 10 de maio de 2019, morreu sete dias após internação em hospital. Tal fato ocorreu após confronto entre polícia e suspeitos no bairro de Bangu, zona oeste Rio de Janeiro.

reconhecer o silenciamento com o qual as produções negras foram tratadas, o sufocamento das personalidades, opiniões. Ora, se vamos mesmo lutar contra o racismo, um sistema montado em cima da manutenção do privilégio racial branco, vamos discutir por que eu ligo a televisão e não tem uma programação, uma emissora predominantemente negra. Ora, é pedir muito em um país com 54% da população negra? Acho que não (DJAMILA RIBEIRO, 2020).

Podemos perceber, a partir da escrita do artigo, que a autora coloca em questão o *mea-culpa* feito no posicionamento assumido por pessoas não negras frente à questão do racismo. Conseguimos compreender que a autora convoca aqueles que não sofrem a violência direta (ofensas pessoais, violência policial etc.) ou indireta do racismo (exclusão ou baixa inserção nos meios formais de educação e trabalho, menores índices salariais etc.) a se posicionarem não mais como não responsáveis diretos pela violência, mas sim como corresponsáveis por uma política de segregação que historicamente os beneficia e como agentes ativos na luta antirracista.

Nesse mesmo excerto, a enunciadora demonstra impaciência frente à imobilidade de grupos de pessoas brancas que são favorecidos com o sistema racista. A utilização da interjeição “Ora” em algumas passagens evoca certa ironia ao perguntar e pontuar ações que parecem óbvias para as pessoas que são vítimas do racismo, mas não tão óbvias para aqueles que não são atingidos negativamente por ele. “Ora, se vamos... Ora, é pedir muito...”. Esse é um recurso muito utilizado no decorrer do texto. Além disso, o uso de pergunta, até certo ponto retórica, frisa a relevância e urgência do processo de mobilização contra o racismo. “Ora, é pedir muito em um país com 54% da população negra? Acho que não.”

Por muito tempo, o racismo foi tematizado e debatido a partir da ótica das vítimas, é preciso ouvir e construir estratégias que partam de um posicionamento autocrítico por aqueles que são os culpados, ou que de forma implícita ou explícita comungam com eles, seja colhendo os frutos da exploração de pessoas negras, seja sendo neutro frente às barbaridades seculares implementadas contra o povo negro, seja visibilizando o recorte racial da sociedade brasileira. Como podemos ver na citação que a autora faz à escrita de Jurema Werneck em seu texto:

Recusamos esta branquitude ora desresponsabilizada, ora culpada, fundada na falsa ideia de ausência de cor e de raça, que goza privilégios como se direitos fossem. Que se orgulha de ter e ser o que nos foi expropriado. Que repousa em um lugar confortável de onde, então, pode ser generosa... Nosso orgulho é ter sobrevivido, a despeito do que nos foi - e tem sido - imposto. Nosso orgulho é possuir o que não nos foi dado nunca. É continuar. Nossos instrumentos para chegar até aqui precisam ser cada vez mais contados, pois podem traduzir a chave para outro futuro (DJAMILA RIBEIRO, 2020).

Nesse excerto, somos capazes de perceber que, pelo viés da negação “Recusamos esta branquitude”, a autora mobiliza outras vozes que, assim como a dela, se instituem como enunciadoras representantes do grupo discriminado (pessoas negras) e projetam pelo menos dois (2) enunciatários: os primeiros sendo pessoas negras subalternizadas pela sociedade hierarquizada em raça, estabelecendo como referente o grupo de pessoas brancas que colhem frutos positivo dessa estrutura social e tecendo uma crítica social – linguisticamente, isto é marcado com o uso do pronome possessivo “nosso” -; e o grupo de pessoas brancas, que é a um só tempo referente e enunciatário, ainda que com propósitos diferentes, já que a crítica está a serviço de uma convocação à autocrítica.

Somente a entrada pela temática não nos permitiria esmiuçar o texto em sua miudeza, mas entrar pelo tema e, mais a fundo, pela materialidade linguística nos permite compreender, por exemplo, o processo de materialização de ecos de outras vozes. Por isso, um ponto que fica claro no texto de Djamila é a atitude responsiva da autora frente aos discursos sobre o ativismo negro e não negro antirracista. Na próxima seção, tentaremos delimitar o que compreendemos por responsividade, além de descrevermos o funcionamento do texto a partir desse conceito.

2.2 Atitude responsiva manifestada no texto em estudo

Neste momento, é preciso dizer que trabalhar com a concepção de linguagem como dialógica pressupõe a noção de alteridade como princípio constitutivo. Isso significa que existe uma dimensão relacional indispensável, ainda que seja idealizada /imaginária. Além do princípio

dialógico, as questões relacionadas às práticas sociais e ideológicas estão na base do que aqui compreendemos como linguagem.

O centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior, no meio social que circunda o indivíduo. [...] O enunciado como tal é em sua completude um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação de fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante (VOLÓCHINOV, 2018, p. 216).

Para Volóchinov (2018), toda palavra é ideológica; assim, o acontecimento social da interação discursiva é o elemento mais importante no processo de compreensão dos enunciados que circulam. Flores e Teixeira (2009) comentam esse aspecto importante da obra do autor:

[...] a compreensão de uma fala viva é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa: o ouvinte concorda ou discorda, completa, adapta, apresenta-se para agir desde as primeiras palavras emitidas pelo locutor; o próprio locutor é um respondente, já que toma a palavra na cadeia complexa de outros enunciados. A compreensão responsiva ativa pressupõe o princípio dialógico e a noção de alteridade como constitutivos do sentido, [...] o que faz da enunciação [...] uma atividade intrinsecamente dialógica, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro (FLORES; TEIXEIRA, 2009, p. 151-152).

A partir da compreensão do conceito de responsividade, podemos afirmar que o texto em análise se estrutura de forma a responder a enunciados que circulam nas redes sociais virtuais, acerca de práticas antirracistas por parte de pessoas negras e não negras. Aqui, a responsividade deve ser compreendida como indiciamento do outro, ou seja, a instanciação de enunciatários diversos frente àquilo que se fala.

Também cabe dizer que o texto de Djamila ancora-se em uma atividade responsiva frente ao discurso que exige posicionamento por parte de pessoas negras diante das notícias que descrevem atos racistas por parte do Estado, responde também à performance antirracista criada por pessoas não negras nas redes sociais em plataformas digitais. A autora problematiza o que é ser antirracista de fato e cobra posições ativas de enfrentamento à

questão racial. Ser antirracista é diferente de não ser racista, mas mesmo isto a população brasileira não demonstra ser.

Mas aí vivemos num governo cujo projeto é o desmonte de políticas públicas. Que combate ao racismo é esse que busca se esquivar de responsabilidade do fundo do poço que esse país atingiu? Políticos que se vangloriam de sua desumanidade chegaram aonde chegaram sozinhos? Se hoje passamos vergonha no exterior, se políticas de precarização da população brasileira, negra e pobre em sua maioria estão em curso, há um sistema que privilegia a branquitude por trás disso (DJAMILA RIBEIRO, 2020).

Por meio do uso de interrogações, o endereçamento da fala da autora se estabelece a partir da instanciação de diferentes enunciatários. No excerto acima, o endereçamento das perguntas pode ser atribuído a pelo menos dois interlocutores: o grupo dos atingidos pelo racismo estrutural do Estado e o grupo de beneficiados por essas políticas. Nesse momento, é preciso dizer que, ainda que determinados sujeitos pertencentes ao grupo de pessoas brancas não se beneficiem pessoalmente com as políticas de segregação e marginalização da população negra, sócio-historicamente eles compõem o grupo hierarquicamente privilegiado. Seja pelo fato de terem acesso a determinados bens e serviços, seja pelo fato de compor a parcela da população que é constituída a partir de imagens majoritariamente positivas.

Djamila contra-argumenta a responsabilização única por parte dos sujeitos negros frente a políticas consideradas racistas. A autora, então, critica a inação das populações não negras diante de um sistema racista que distribui hierarquicamente grupos de pessoas a partir de um parâmetro de raça/etnia. Ela ainda põe em questão a utilização de lugares sociais privilegiados na luta antirracista, ou seja, demandar políticas antirracistas e isso significa realocar as noções de direito e privilégio. Assim, os privilégios devem ser derrubados em prol da comunização de direitos para todos.

Em seu processo discursivo, a filósofa mobiliza, também, referências diversas do campo da produção intelectual sociológica. Somos capazes de perceber ecos da fala de Ângela Davis, bem como de outros pensadores negros que discorrem sobre a questão racial. Na próxima seção, discutiremos de forma detida as questões responsivas ligadas à interdiscursividade que perpassam o texto.

2.3 Atitude responsiva e indiciamento do outro: interdiscursividade do objeto de estudo

Nesta subseção tencionamos proporcionar a continuidade da discussão, além de delinear a concepção de interdiscurso, bem como a sua inserção no texto em análise. A partir desse direcionamento, buscamos compreender a concepção de interdiscurso. E, nesse sentido, apoiamos-nos na visão de Orlandi (2012b), que de modo responsivo nos chama a atenção para a seriedade da “materialidade discursiva”. Segundo a autora, o discurso é visto como a materialidade específica da ideologia, enquanto a língua é a “materialidade específica do discurso” (ORLANDI, 2012b, p. 83-84), ou seja, para a autora, a língua é concebida como a realidade específica dos modos que significam as distintas “materialidades simbólicas”. Sendo assim, Orlandi (2012b, p. 44) afirma: “é o interdiscurso como funcionamento da discursividade”.

Nessa perspectiva, em plena coerência com o já-dito da autora, é possível compreendermos que o interdiscurso é concebido como “exterioridade constitutiva do discurso, ou seja, o já-dito que torna possível todo dizer” (AZEVEDO, 2014, p. 321). É a propriedade que nos possibilita a retomada de outros textos com os quais um dado texto está ligado anterior ou posteriormente, podendo ressignificá-lo. Essa ação pode se dar a partir de uma negação, recusa ou até “postos à distância”. Conforme Possenti (2003, p. 268), isso ocorre “porque não” se explicitam de um modo conforme se faz um “pré-construído”. Além disso, são produzidos por meio de um processo especial, baseado na “semântica de” um determinado discurso, que em “alteridade com outro” discurso, pode constituir algumas simulações.

A propósito desses conceitos, Orlandi (2012a) defende que, mesmo o interdiscurso não sendo representativamente, seus efeitos se refletem na expressão de formas distintas de discurso que delimitam o texto de maneira desigual. Ademais, a autora acrescenta aos seus dizeres que:

As diferentes formações discursivas regionalizam as posições do sujeito em função do interdiscurso, este significando o saber discursivo que determina as formulações. As relações do sujeito com a memória (interdiscurso), como dissemos, toma forma, se materializa na relação sujeito/autor, discurso/texto (ORLANDI, 2012a, p. 115).

Dito isso, é possível reacender a nossa discussão e prosseguir a análise do texto em questão. Podemos dizer que o artigo de Djamila Ribeiro estabelece uma relação interdiscursiva com pelo menos três textos e, em razão disso, a autora ativa uma memória discursiva que possibilita-nos perceber uma construção polifônica, que retoma ecos das vozes de Jurema Werneck, Sílvio de Almeida e Ângela Davis. Nesse processo de discursivização do artigo, inicialmente acreditamos haver um diálogo com o famoso enunciado proferido pela filósofa e ativista do movimento negro norte-americano, Ângela Davis, “em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”. Esse enunciado de Davis faz ecoar o fato de que é preciso que as pessoas em geral ajam contra o racismo e não somente isso, mas que não cometam atos individuais de racismo. Isso fica evidenciado pelo uso da modalização deôntica naquilo que respeita às ações de obrigatoriedade: “não basta não ser... é necessário ser...”. Assim, não ser racista não é favor, é obrigação mínima em uma sociedade que seja baseada em direitos humanos mínimos. Ângela Davis procura desestabilizar aqueles que se posicionam como neutros em um contexto de opressão, dizendo que é preciso se posicionar de forma contrária à opressão, e não apenas não ocupar o lugar de opressor.

Assim como Ângela Davis, Djamila Ribeiro convoca aqueles que sempre estiveram neutros a se manifestarem em favor dos oprimidos e contra as próprias vantagens. Djamila convoca a ações que resolvam com as estruturas sociais de fato, definindo que ser antirracista é tencionar e mover poderes públicos e privados em prol das populações negras. Tanto no enunciado proferido por Ângela Davis, quanto no texto de Djamila Ribeiro, as pessoas são convocadas a agir contra o sistema de opressão que vitima a parcela negra da população. Nesse sentido, somos capazes de compreender que o discurso de Djamila reverbera o discurso de Ângela Davis, evidenciando a dialogicidade.

Ainda nessa ótica, percebemos ecos da voz de Jurema Werneck, e estes se evidenciam logo no início do primeiro parágrafo do artigo de Djamila: “Recusamos esta branquitude ora desresponsabilizada, ora culpada, fundada na falsa ideia de ausência de cor e de raça, que goza privilégios como se direitos fossem.” Com esse excerto⁷, é possível perceber que, na construção do projeto discursivo do texto, estão imbricados os

⁷ Ver trecho completo na inserção da página sete deste estudo.

princípios responsivos e interdiscursivos, que funcionam no artigo como recursos linguísticos que a autora lança mão para discursivizar e resgatar discursos anteriores. Exemplo disso é escolha de uso da linguagem de modo direto, proporcionada pelo recurso de citação direta no seu artigo. Essa estratégia implica diretamente na constituição do seu texto, ao trazer outros enunciadores, ou seja, a autora convoca o(s) *outro(s)* presentes no discurso anterior, que também participam da cadeia discursiva do texto, a partir de uma relação interdiscursiva, que, nesse caso, atribui sentido e significado ao artigo de Ribeiro. Esse *outro* constitui um dos casos de heterogeneidade marcada ou mostrada de orientação revuziana, pois os fios ou indícios desse *outro* estão na materialidade linguística do artigo analisado, expressos por meio de citação direta e/ou discurso direto, portanto a alteridade se demonstra no decorrer do discurso. De acordo com Authier-Revuz (2004, p. 12), é “no fio condutor que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro”.

A partir disso, Djamila se posiciona criticamente frente à população não negra, que se funda, segundo a autora: “na falsa ideia de ausência de cor e de raça”, que é a parcela que não deveria, mas goza de “privilégios como se direitos fossem”. Por meio desse viés argumentativo e, principalmente, na tentativa de sustentar e reforçar o seu posicionamento, Djamila Ribeiro faz escolhas lexicais a partir de um movimento que retoma ao longo do texto o enunciado - “A Era da Inocência Acabou, Já Foi Tarde”. Nesse caso, a articulista de modo irônico faz uma crítica ao racismo e aos últimos acontecimentos racistas nos Estados Unidos e no Brasil. Também, a autora deixa claro que a sociedade não pode mais aceitar o racismo, é preciso se posicionar frente a esse ato e também diante de toda e qualquer ação dessa natureza, isso porque, conforme Djamila, o povo não é mais inocente, portanto, defende que a “inocência acabou”.

Em outra passagem no artigo, percebemos outras escolhas lexicais da autora, tais como os usos dos signos “é claro” (É claro que é importante que a branquitude brasileira se mobilize contra o sistema que a beneficia) e “agora” (Agora, mobilizar significa reconhecer o silenciamento com o qual as produções negras foram tratadas, o sufocamento das personalidades, opiniões), funcionam como modalizadores que instituem novas posturas

frente a velhas práticas. Nesse último caso, a autora convoca seu interlocutor a compreender o que significa ter uma atitude antirracista.

Ainda em análise, percebemos que a articulista com intuito de sustentar a sua defesa antirracista e reforçar, fundamentalmente, o seu argumento, traz também para o seu texto a voz de outro enunciador, ao se apropriar do discurso “Descobriram o racismo”, de Silvio Almeida. No artigo analisado, inferimos que essa ação se presta ao propósito da autora para convocar novamente a voz de Jurema Werneck em outra parte constitutiva do artigo. Além disso, o trecho traz um pressuposto que o racismo já existia, mas só agora foi descoberto. Partindo de um movimento de tomada de posição, podemos perceber que mais uma vez a articulista de modo responsivo, utiliza o discurso alheio – expresso no seu texto por meio de citação direta no trecho - “Levou séculos para que o Estado brasileiro pudesse reconhecer a presença do racismo...[...] o restante da sociedade permanecia em silêncio”. Essa escolha resgata um já-dito e, conseqüentemente, também convoca mais uma vez o *outro* presente em um dizer anteriormente a ele. Fica evidente que se trata de um trecho que a autora, em plena concordância com o discurso de Werneck, chama a atenção da sociedade para “a presença do racismo como fator estruturante das relações sociais no país”. Ademais, Djamila Ribeiro na tentativa de reforçar a sua tese, como também de legitimar o seu discurso, retoma a voz de Werneck no mesmo excerto, para reiterar que a comunidade negra vem sofrendo com o racismo há muitos anos, uma vez que essas ações ou práticas são antigas e datadas desde o “final do século 20 e início do século 21”, conforme dito no artigo.

Diante disso, compreendemos que a articulista convoca em seu texto todas as vozes que podem e devem acabar com esse silenciamento, lutando contra os movimentos racistas, e em defesa da vida dos sujeitos negros. Ademais, ela já traz respostas, pela reiteração da construção da negativa: “Não será...não será... não será...” Também podemos perceber uma crítica à política governamental que tem beneficiado a população branca e vem se esquecendo de mobilizar e implementar ações, políticas públicas educacionais, de segurança e de inclusão destinadas à população negra, assegurando os seus direitos e deveres, enquanto cidadãos participantes de uma sociedade. Por fim, é preciso dizer que, diante de toda a discussão proposta, percebemos que a enunciadora reforça o fato de que é preciso

uma postura antirracista de fato para combater o racismo institucional e estrutural.

Considerações finais

Com este estudo, compreendemos os processos responsivos e, por extensão, interdiscursivos que constituem o texto em análise, a fim de possibilitar uma reflexão acerca do tema proposto para discussão: o racismo. Nessa direção, buscamos respaldo em teóricos que discutem acerca dos respectivos aspectos, com o intuito de compreender os seus usos na análise do artigo de jornal que focalizou o tema escolhido. Por meio de entrada analítica temática e na materialidade textual, tentamos descrever os processos discursivos que são subjacentes à significação do texto em estudo. Acreditamos que propor um estudo que congregue os aspectos responsivos e interdiscursivos do texto nos permitiu compreender, também ainda que em menor proporção, estratégias de composição e constituição do texto.

Outro ponto importante que deve ser mencionado é o fato de aproximar temáticas sócio-historicamente relevantes a produções acadêmico-científicas com o intuito de estreitar o elo entre academia e sociedade. Refletir sobre temas caros a toda sociedade é imprescindível. O racismo, enquanto um desses temas, deve ser discutido e debatido de maneira séria de forma a contribuir para o combate a práticas discriminatórias e elaborar práticas antirracistas. Por fim, concluímos o estudo com a expectativa de que, ainda, há outras tantas ações que precisam ser adotadas tanto pela sociedade como também pelo governo no combate ao racismo. E, para tanto, é essencial a busca e a produção de novos estudos por conta da relevância e emergência da temática.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. *In*: AUTHIER-REVUZ. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

AZEVEDO, Aline Fernandes de. Sentidos do corpo: metáfora e interdiscurso. *Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC*, v. 14, n. 2, p. 321-335, maio/ago. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. **Bakhtiniana** – Revista de Estudos do Discurso, [s. l.], n. 2, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/3015>. Acesso em: 07 abr. 2020.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 253-269, 2003.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012a.

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012b.

RIBEIRO, Djamila. **O enfrentamento ao racismo precisa ser mais do que posts para aliviar a consciência**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/06/o-enfrentamento-ao-racismo-precisa-ser-mais-do-que-posts-para-aliviar-a-consciencia.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin N. A interação discursiva. *In*: **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.